

PALAVRA

ANNO I—NUMERO 13

Organ litterario

ASSIGNATURA: MEZ 500

REDACTORES: FERNANDO CALDEIRA E JULIO CAMPOS

COLLABORADORES: — DD. Delminda Silveira e Ibrantina de Oliveira, Virgilio Varzea, Jansen Junior, Adolpho Mello, Faraco, H. de Carvalho, Arthur de Mello, A. Figueredo, S. Brazil, J. Boiteux, W. Bueno, L. Lapagesse, Horacio Nunes, Sylvio Pellico e Eduardo Pires

REDACÇÃO—RUA DO SENADO N. 4 (SOBRADO)—PUBLICAÇÃO SEMANAL

SANTA CATHARINA — Desterro, 20 de Setembro de 1888

Associação do Professorado Catharinense

IV

CREAÇÃO DE UMA BIBLIOTHECA PEDAGOGICA

Ao meu illustrado collega e particular amigo
Wenceslau Bueno de Gouvêa

Nada por certo contribue mais do que a leitura constante, para derramar a luz da instrução por todas as camadas sociaes.

E' por meio da leitura que o homem amplia os seus conhecimentos, travando relações com os autores de todos os tempos, que nas lições do passado indicam-lhe a norma a seguir para suas acções no futuro.

Qual abelha que voando de flôr em flôr, succresta o liquido que ha de produzir o mel delicioso, assim o homem manuseando os livros de folha em folha, prepara o nectar precioso que ha de servir-lhe de refrigerio nas luctas da vida.

E' que o progresso é uma lei imperiosa a que se não póde resistir.

Da mesma sorte, porém, que as escolas são necessarias para illustrar as collectividades infantis, assim se torna indispensavel ao homem a criação de bibliothecas, d'esses focos d'instrução donde emanarão as irradiações que devem illuminar-lhe o cerebro.

Aquelles que animados do santo desejo da instrução ahi procurarem a luz da sciencia, desenvolvendo d'est'arte as suas faculdades intellectuaes, acharão os meios de libertar-se da mais ferrenha escravidão—a ignorancia—esse flagello, causa unica dos males que opprimem a humanidade.

Não é somente de hoje que se acham reconhecidos os beneficos efeitos das bibliothecas; já de tempos immemoriaes os antigos reconheciam-nas como sanctuarios em que vae apurar-se a alma com estudos vivificantes, pois, segundo rezam os livros, na porta da primeira bibliotheca de Thebas, fundada por Osymandias, lia-se esta significativa inscripção—«Pharmacia d'alma».

Ora, se o livro deve ser por toda a parte preferido a outro qualquer instrumento; se é certo que a grandeza de um povo está na razão directa de

sua illustração e que um dos melhores meios de adquirir esta, consiste na criação de bibliothecas, é de facil intuição de quanta importancia deva ser para as Associações a criação de bibliothecas especiaes.

Com effeito, é ponto averiguado que em todas as occupações sociaes convém obter-se uma base larga de instrução professional, afim de procurar sempre elevar-se ao nivel das outras Associações.

Estas foram naturalmente as considerações que suggeriram á Associação do Professorado Catharinense a criação de uma bibliotheca espedial pedagogica.

Sendo, pois, reconhecida a sua suprema utilidade das bibliothecas em geral, julgo que seria uma

gar-me a encarecer a importancia real d'aquella, convencidos como devemos estar todos de que nos cumpre tratar da educação professional, ao menos por meio dos livros pedagogicos, já que infelizmente não contamos na Provincia uma escola normal em que proficuamente o possamos fazer.

Nem se diga que a utilidade da alludida bibliotheca restringe-se ao professorado da capital e das suas circumvisinhanças; pois, embora estes possam frequental-a mais facilmente, não é menos certo que os conhecimentos adquiridos por elles serão sob formas varias publicadas na «Revista», a qual, como já tive occasião de dizer, irá levar as lições de pedagogia ao proprio lar do professor nos extremos limites da Provincia.

LÉON EUGENIO LAPAGESSE

NOTAS FLUMINENSES

(CHRONICA QUINZENA)

Os acontecimentos ultimos que mais têm impressionado o publico fluminense cifram-se para os monarchistas—na chegada do chefe do Estado, depois de quasi anno e meio de ausencia, e na ROSA DE OURO que o Santo Padre enviou á regente; e para os republicanos—na propaganda activa do Dr. Sil-

va Jardim e as consequencias dahi derivantes.

Ia-me esquecendo de dizer que para a maioria da população—maioria da «venda a retalho»—, nem a chegada aos patrios lares do imperante, nem mesmo o aureo «cadeau» pontifical, nem tam pouco os discursos do illustrado propagandista capivaryense foi o que deu mais que fallar na quinzena que está a findar.

Simplesmente isto:—as oscillações do cambio.

*

comitativa imperial, dizem todos «che», chegou bem.

no meio os fóros de chronista não ser uma nota de honra, unanime

minha vez:—

Se errei, que a bondade dos meus leitores me absolva, attribuindo, como deve, a minha informação á origem d'onde a extrahi:— a imprensa fluminense.

*

A ROSA DE OURO é uma distincção annual que ao chefe da Christandade apraz conferir á princeza que elle julga merecer, pelas suas virtudes ou grandes serviços prestados á religião.

O anno passado coube a condecoração do Summo Pontifice á rainha viuva de Hespanha, regente em nome de seu filho, o infante D. Affonso XIII.

Este anno, a escolhida foi a actual regente, a quem, breve, será a alludida Rosa entregue pelo Sr. Souza Corrêa, nosso ministro junto ao solio pontificio.

*

A excursão do Dr. Silva Jardim, que em trinta dias fez igual numero de conferencias em localidades das provincias de S. Paulo e Rio de Janeiro, foi o «mot d'ordre» do mundo politico.

Serviços de tanta relevancia, quaes os do illustre propagandista da democracia pura, foram justamente reconhecidos pelo Conselho Federal, que lhe offereceu sumptuoso banquete, concorrido pela «élite» republicana desta cidade.

*

Antes de despedir-me do assumpto —politica—, desejo consignar aqui a impressão muito favoravel que a todos deixou o discurso do Sr. Ministro da Agricultura, proferido na Camara temporaria, por occasião de debater-se o orçamento da sua pasta.

Hoje que os antigos moldes estão sendo postos á margem, por inúteis, e que os delineamentos da politica moderna cifram-se no estudo completo das necessidades de cada região, e na applicação dos recursos aconselhados pela sciencia economica, attenta a relatividade das condições do «meio» de acção; hoje, nós—a mocidade, devemos ter muito em consideração tudo quanto desprende-se do systema rotineiro de hontem, para que a politica de hoje e de amanhã seja a politica dos principios, das idéas; uma politica larga, generosa, americana, de paz, de confraternisação.

*

Da Italia, onde fôra tratar da execução das estatuas de Osorio e Caxias, chegou o já illustre esculptor Rodolpho Bernardelli, nosso joven compatriota.

Já que se me depara tão feliz oportunidade, aproveito-a para consignar o desejo que me manifestou, ao visitar eu o esboço da estatua do heróe de Maio, exposto em uma sala do edificio destinado á Bolsa, de suir as photographias que, sob as ordens do

na campanha do Uruguay, afim de represental-os nas batalhas que vae esboçar nas faces lateraes dos pedestaes dos dous monumentos.

Eis ahi, portanto, uma bellissima occasião de vermos figurar, juntos aos representantes da culminancia militar brasileira os officiaes catharinenses, que não poucos foram os que se cobriram de glorias, honrando a si e a provincia que lhes foi berço.

Basta apenas boa vontade da parte dos parentes e amigos, a quem serão devolvidas as photographias que forem para tal fim enviadas ao festejado cinzelador do magestoso grupo da «Adultera».

JOSÉ BOITEUX

31 de Agosto.

O AMOR

(Fragmentos da scena 1ª do quadro 2º do drama original em 8 quadros A PECCADORA)

MARIA

Falla-me na velhice?... Oh! mas as manhas como eu, quando a velhice se aproxima, matam a formosa da minha formosura, não deixarei que as rosas do meu rosto immurebecam, que as minhas formas percam a flexibilidade... Amar! Para que?... Para ser uma Mimi?... Para morrer phtysica?... E' romantico, mas é triste...

Não creio em Deus. Creio na vida, porque vivo; no gozo, porque gozo; no prazer, porque sinto. Aqui é o céu, o inferno é aqui. Além d'esta vida—é o vacuo, o abysmo, o esquecimento. Aqui chora-se ou canta-se, gosa-se ou sofre-se: é o céu ou o inferno: o céu para os que cantam, o inferno para os que choram. Quando se arroja dos pulmões o ultimo alento, está tudo acabado. O algoz e a vietima, o feliz e desgraçado vão para a terra immunda do cemiterio, vão ser pasto dos vermes... Está tudo acabado.

Não me arrependerei. Para o arrependimento é necessaria a crença, e eu não creio na eternidade. A minha crença é o prazer. O mais é nada, e eu não me dou ao trabalho de pensar no nada. Tenho mais em que occupar-me. As minhas flôres e as minhas «toilettes» absorvem-me o tempo. Si eu empregasse o meu tempo em meditar no invisivel, estaria louca em um mez ou morta em dois, porque seria uma meditação essa horrorosamente estúpida...

Tenho lido muito, tenho estudado muito. Conheço bastante o mundo por mim e pelos livros, Mimi amou, amou muito, amou como só uma vez se pôde amar na vida... Qual foi a recompensa d'esse amor immenso? Uma doença horrivel—a phtysica,—o martyrio continuo, sem treagoas, de todas as horas, de todos os instantes: depois a morte, o esquecimento, os vermes, a podridão, enfim... Gabriella de Walcreuse amou muito tambem. Qual foi a recompensa d'esse amor enorme? Uma agonia lenta, terrivel como os odios da inquisição, uma morte desastrosa: uma bala acabando de despedaçar-lhe o coração já tão despedaçado... Mariquinhas, a ingenua, a santa Mariquinhas, amou com extremo a Luiz Fernandes. Qual foi a retribuição d'esse amor sublime de creança? Ver o homem, por quem daria a propria vida, morrer por causa de outra mulher roubar-lhe sem commo olhar, o derradeiro sorriso do seu unico amor! Oh! nada de escravidão, nada de amor!

HORACIO NUNES

ESQUECER-TE?!

Como esquecer-te, se a ti tanto adoro
N'este retiro onde não ha prazer,
Longe, bem longe da alegria lêda,
N'este silencio que me faz descrêr,
Entregue á dôr desta comprida ausencia,
Sem a tua imagem mereu corria vêr?

Como esquecer-te, se em ti tanto eu penso,
Gemendo afflicta em amargoso pranto?
Se meus suspiros a ti só revoam,
Arquejantes, da dôr que fere tanto,
Sem allivio encontrar n'este tormento,
Que das sandales me desdobra o manto?

Como esquecer-te, oh! meu thesouro amado,
Si por ti vivo n'um scismar constante?
Se é por ti que eu sonho a luz da gloria
Radiosa, esbelta como um astro ovante?
Se és inda o ar que me alimenta a vida
N'este martyrio atroz, tão delirante?

Talvez, quem sabe, oh! sim, se ainda julgas
Que agora d'outro sonho doce affecto,
A minh'alma deixando a ventania,
Olvidar te a serisô tão dilecto,
E fugir do passado sem lembrança
Do teu olhar brilhante, meigo e inquieto?

Mas, ah! n'este pensar—tormento infindo,
Que mais me afflige quando d'elle tremo...
Longe de ti a illusão maldicta,
Que te enche o espirito e punge-me em extremo,
A ti só eu adoro, oh! anjo qu'rido
C'uma paixão que enlouquecer-me temo.

Sim, no correr ridente do futuro,
E' certo que pod'ão sorrir-me as flôres,
Mas tu que o peito meu de amor prendes,
Sendo o primeiro que me encheu de ardor,
Eu não posso esquecer-te um só momento,
Oh! vida de minh'alma, oh! meus amores!

IBRANTINA DE OLIVEIRA

Desterro, 1888.

A «GAIVOTA» AZUL

A VIRGILIO VARZEA

Córtava as aguas uma pequena canôa, tripolada por dous homens de cor e uma criancinha preta, retinta, algrissima, avigorada por uns nove annos.

O rapazinho vinha na prôa, debruçado, com as mãos roçando n'agua. Brincava, soltando pedaços de papel.

A «Gaivota» approava ao Arvoredo, em direcção, talvez, á cidade. O mar se agitava-se em uma doce e morosa ondulação. A canôa golpeava bem e certos pequeninos comoros que as aguas construíam.

A' pôpa, um velho de suissas brancas e de blusa parda com vivos encarnados, limpa, occultava sob o «pano-ro», uma cabaça cheia, pezada de agua crystallina.

O nordeste matinal sacudia uma chuva leve e fresca de perfumes sobre a vela branca, de linho bem guardado

da embarcação azul; e o sol cravejava de opálas as espumas que se chocavam na vivacidade da maré de vazante, libertava de frescura o rachitico vultinho da mimosa «Gaivota».

O vento refrescára de surpresa, e a criança, descuidosa, ainda conservou-se á prôa e da mesma fórma entretida.

Escureceu. Uma chuva fortissima grossa desandou a correr pelo mar. As ondas cresceram batidas de leste. Cerrada neblina distanciou, desde logo a interessante canôa das vistas da terra. Isolada, a intrepida avesinha, batida azas, mas em vão, para transpôr as trevas!

Corria o rumo do acaso.

Os tripolantes manejavam atrapalhados, medrosos, procurando ambos, ao mesmo tempo, desarmar a vela que ameaçava adornar, por uma vez, a infeliz e tão nova embarcação. Nesse afflictivo instante cae n'agua um remo, um tufão vareja longe a verga de bambu, grosso.

Uma cabeça mocinha mergulha e desaparece n'agua!

Quasi a noitinha, sob o influxo de uma calmaria confortavel, chegara a Praia dos Inglezes, proximo a uma muralha em ruinas que ainda existe e uma canôa azul, com a prôa e bancas partidos. Dous homens saltaram: o mais velho, o de suissas brancas, quasi desfallecido, sentou-se pesadamente

areia que branqueia a concava e lindissima praia, emquanto o seu companheiro puchava a canôa. Dentro em pouco a embarcação ficou rodeada de curiosos.

No fundo da fragil « Gaivota », sobre uma esteira de junco usadissima, descançava, vestido de camisa de chita preta e de calça de riscado branco, um corpo, ainda completamente molhado mas perfeito, de negrinho, robusto e novo.

Uma mulher profundamente mogoadá, aos gritos, chorando, abraçou-se longo tempo com elle, e os labios regelados do filhinho receberam, pela derradeira vez, e dolorosamente, allucinados, repetidos, demorados beijos.

Emquanto os amigos dos paes do inditos naufrago, cuidavam em sepultal-o, o velho marujo, o pai que patroára a canôa no momento em que o acaso victimou-lhe o filho, contava á mulher, com palavras pezarosissimas o luctuoso acontecimento. Quando acabou de contar-lhe toda a historia, resplandecia no céu um bando de estrelas pequeninas.

LUIZ NEVES

Desterro.

MADRIGAL

Muito bom dia, dona.

Venho de vêr o mar tranquillo e doce nas curvelineas praias alvadias se debruçando assim como se fosse algum leão caçado.

Olympica madona d'olhos pretos banhados de harmonias, tú és o meu cuidado mais forte e palpitante. Eu por ti sinto o effluvio da amizade, o dulçuroso effluvio caindo-me no peito, inebriante, como um vivo diluvio de luz de sol por toda a immensidade.

Quero-te um bem que tu nem julgas, filha! Como és toda bonita, principalmente quando, n'uma graça infinita, aos hombros nús arrumas a mantilha, e arrumas todo o teu cabello loiro, bem como quem arruma chuvas d'oiro...

E o teu olhar é um mystico resumo de encantos puros, sobrenaturaes, nos quaes a vida de illusões perfume. Olhar de um astro em noite azul de Agosto, feito de beijos e madrigaes.

E é um céu o teu rosto! A tua voz possui o mel das rosas purpureas, aromaticas e bellas. Ouvindo-te fallar, eu sinto d'ellas emanações as mais deliciosas.

Como eu tenho ciume ao vêr-te ao lado de um burguez desdentado, um visconde que já não tem cabeça e que ao jantar cochila...

Como eu quizera dar-te os meus segredos no teu parque, através dos arvoredos...

Mas antes d'isso, minha viscondessa, manda a razão que o bom do teu creado amarre os cães de fila...

ARAÚJO FIGUEREDO

Coqueiros—Santa Catharina—88.

CARTAS A ARTHUR DE MELLO

IV

E' necessario, si não forçoso, encerrarmos, com a tua resposta a esta, a nossa correspondencia.

E' justo satisfazermos as exigencias das finas litteratas que só leem escriptos de subido valor e dizem ironicamente: cartas só as de Maria Amalia...

Paciencia. Alguns dizem ler cartas todos os dias; mas « per dio! » nem são capazes de perceber a differença que ha entre as nossas e as tão abundantes e boas que chegam a causar tédio!

E' gente que conhece a obra pelo titulo, basta.

Querem vêr encimando um artigo um titulo que faça estremecer o coração ternuroso, todo cheio desse doce effluvio do—amor, banalidade que eu não comprehendo.

Amor! eu escrever sobre assumpto tão arido, eu que nem sei por experiencia o que se sente quando, na phrase do poeta, se tem uma paixão ardendo no peito! Não sei mentir, não sei fazer um bouquet de bellas flôres de rhetorica e de « rosas do coraço » sei di...

que nunca fui desses felizes que passam o tempo a sorrir a todas as deidades que veem neste jardim de fadas.

Sou uma especie de Catão. Encerro-me no limitado de um gabinete de estudante e não tenho coragem para pegar da penna e escrever o que não sinto. Vou directamente aos factos, com minha phraseologia tosa trato-os como se dão e desagrado. Pois bem. Entrarei de hoje em diante pelo dominio das divagações; far-me-hei um cartomante dos corações, vou vêr as flôres, se acho uma « huri » que prenda-me com seus olhares, que captive-me, que infiltre-me no peito esse sentimento poderoso que faz um poeta de um sceptico e então escreverei sob essa influencia dominadora que prende o espirito pelas regiões da idealisação, farei até versos, mas versos bonitos, que agradem.

E talvez tenham razão. Que quer dizer uma alma sem flôres na vigorosa primavera da vida? Um espirito amoldado aos velhos regimens da submissão completa a tudo que diz —dever— e afastado da illusão, caracteristico da mocidade fôgosa, que deixa correr seus dias risonhos no remanso da crença e não tem as agruras escarpadas do futuro a transpôr?

Não, protestem todos. Um moço não pôde ser desdenhoso a essas meiguices de um « platónico »: é questão de temperamento. Brevemente farei a experiencia, conforme o resultado, continuarei.

Façamos um sacrificio e entremos pelo terreno das variedades. Haverá pelo menos mais variações, as chapas não se gastarão tanto.

Temos o « volapuk » para recurso, uma bella fonte de termos novos.

Termino fazendo vêr que é necessario ceder á revolta. Não tocamos ao fim pretendido por culpa dos criticos intransigentes no gosto, que não se conformam com o paladar dos outros. Si fizessem uma critica decidida nós os mandariamos passear, mas pedem com tão bons modos, assim á laia de quem pensa bem e reflecte muito; satisfaçamol-os, aos progressistas que dizem—parem!—e aos atrezados que dizem—fiquem!

JULIO CAMPOS

Desterro, 18—9—88.

O RICO POBRE

De dia, o lavrador, do sol queimado, Em tristes carmes se lamenta a sorte; De noite, entre os filhinhos e a consorte, Ao som da violinha, é consolado.

O rico, em seu divan molle sentado, C'uma dama gentil, d'airoso porte, Não tem consolações, suspira a morte; Que julga-se, no ocio, desgraçado!...

Necessidades tem quem tem desejos; Menos o pobre os tem: este é mais rico, Este mais da fortuna goza os beijos.

Si o abutre da ambição, c'o torto bico, Devora a consciencia, a honra, os pejos, A riqueza não quero, e pobre fico.

WENCESLAU BUENO

A MEU AMIGO OVIDIO TRIGUEIRINHO

Nasce o amor tão facilmente como nasce a flor: morre o amor tão facilmente como morre a flor! Assim como a flor desabrocha-se silenciosa e bella lá na verdura magnifica da campina, assim tambem germina o amor mysteriosamente do peito branco da donzella! Assim como a brisa doce da tarde balouça suavemente a flor pousada no seu leito flexivel, assim tambem a esperança acalenta o amor encerrado no seio virgem da mulher! Assim como o furacão medonho arroja implacavel a flor por terra, assim tambem a descrença rasga implacavel o peito e d'elle arranca o amor, arrojando-o para sempre no abysmo do indifferentismo!!!

VICENTE GUILHERME

18—8—88.

ALFINETADAS

Da educação do povo depende a boa organização dos governos, os progressos do paiz, pelo desenvolvimento do character individual, do amor da patria e o bem estar de cada individuo na sociedade.

No nosso paiz, é por sem duvida para lamentar-se o estado de abatimento em que se acha a educação. As creanças, logo que chegam a uma certa idade, são man-

